

Estética do cardume e telepresenças corporais¹

Ana Paula DA CUNHA²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

O presente artigo busca pensar novos modos de germinação no território cibernético e problematizar a questão da grupalidade pelas teorias de Deleuze e Guattari (2011;2012). A partir de uma escrita incorporada, relato alguns processos experimentais em plataformas online, relacionando-os às ideias do relato de si (BUTLER, 2017), dos incorporais na arte (CAUQUELIN, 2008) e a questão da partilha estética (RANCIÈRE, 2009). A relação do corpo com as telas se reconfigura constantemente, mudando as dinâmicas relacionais. Como ter acesso ao outro desconhecido nesse contexto? O quanto sou constituída pelas interações e agenciamentos maquínicos coletivos? Estas são algumas questões que busco elaborar enquanto processo estético e afectivo produtores de conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: corpo; grupalidade; telepresença; estética; relato de si.

*Cada um passa por tantos corpos em cada um.
Deleuze & Guattari (2011), Mil Platôs I*

Como os cardumes se organizam? Como milhares de peixes nadam juntos sem se bater? A formação de cardumes é um comportamento advindo da adaptação evolutiva e facilita a defesa do grupo e a reprodução da espécie. Um cardume nada como se fosse um único indivíduo. Sem um líder, eles se coordenam pelos peixes mais próximos através do contato visual e da sua linha lateral (um órgão que sente mudanças na pressão da água). Em 2019, no Grupo Experimental de Dança de Porto Alegre, realizei em grupo um

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do corpo e Gêneros, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Poéticas Visuais da UFRGS, desenvolve uma reconfiguração de gêneros, hibridizando estruturas de atuação e evidenciando a característica conceitual da arte. Sua produção perpassa linguagens como instalação, vídeo, performance, gravura e pintura. Bolsista CAPES. e-mail: anapaula303@hotmail.com

exercício de cardume: 20 pessoas encostadas se movimentando a partir da percepção do coletivo. Não era uma tarefa nada fácil e o mais comum era que alguns quisessem definir um líder, alguém que desse início ao movimento para que os outros seguissem. Mas não era sobre ter um líder: era sobre ser peixe e ativar as camadas sensíveis do corpo em fusão com outros corpos.

O modo possível de estar em coletivo hoje é estar conectado à internet, já que o contato físico virou um risco à saúde pública. Já vínhamos adentrando essa era em que se passa mais tempo diante de uma tela do que diante de pessoas ou experiências reais. Não que estar diante de uma tela não seja real, mas é diferente. “Não apenas eu é um outro mas é uma multidão de modalidades de alteridade.” (GUATTARI, 2012, p. 111). Nas redes, podemos ser muitos ao mesmo tempo, parece que o cardume veio parar dentro de nós: cardume de eus vagando pelo espaço virtual. Mas será que essas alteridades conseguem se organizar tão bem? A sensação é que alguns eus perderam o órgão da linha lateral e passaram a colidir uns nos outros, desorganizando esse uno que muitas vezes é uma demanda do mundo exterior. Por que existir enquanto sujeito exige também uma unicidade, enquanto artista e pesquisadora, ter um nome, uma história e uma trajetória consolidada, ainda que todas as provas de uma existência sejam frutos de relações e agenciamentos.

Figura 1 – Grupo Experimental de Dança de Porto Alegre – CRU, 2019



Fonte: Aline More fotografia

Nesse momento de pandemia mundial, tais relações e conexões voltaram-se para o espaço digital. Muitos artistas estão lançando plataformas online de divulgação, venda e acompanhamento de processos. Um pouco antes da eclosão da pandemia, eu havia iniciado um experimento com colagem digital a partir do autorretrato e imagens encontradas na internet, apesar de não ter dado muita importância para esse projeto, ele acabou iniciando um diálogo com o isolamento. A vontade de estar em outro lugar ou a vontade de se ver em outro contexto. Existir em outras camadas possíveis, viajar no mesmo lugar a partir de tipos de corte no espaço, uma possibilidade do recorte e da autoficção. O único contato possível é o da imaginação.

Figura 2 – Cardume, 2020



Fonte: Acervo da autora

Em contraposição a este trabalho com imagens, sinto muita falta de estímulos que não sejam visuais. Comecei a fechar os olhos no banho e imaginar todo o bairro, toda a cidade, todos os caminhos que meu corpo já percorreu. Lygia Clark, no texto Breviário sobre o corpo, diz: “não tenho memória, minhas lembranças são sempre relacionadas com percepções passadas apreendidas pelo sensorial.” Fiquei pensando até onde eu poderia ir de olhos fechados, só através dessa memória do corpo - resquício sensível marcado no território da vivência. Mas, mesmo assim, ao fechar os olhos, minha base imaginativa é muito mais visual. Parece que para ativar outros sentidos, precisamos estar diante de um acontecimento. Um toque, uma textura, um cheiro ativa a memória de outro toque, outra textura, outro cheiro. Me sinto fechada em mim mesma.

Aulas, reuniões e encontros virtuais. Seguimos fazendo as coisas que temos que fazer, mas o silêncio em tais ambientes é ensurdecedor. Sinto que ninguém quer falar, só se pensa em uma coisa: o absurdo do presente. Passo dias tentando colocar pra fora, escrita automática, imagens intuídas, posts em diferentes redes sociais. Percebo que não tenho muito o que colocar pra fora. Afinal, pouca coisa acontece no campo da matéria e o tempo se expande como uma linha contínua e infinita. Não faz sentido dar bom dia nem boa noite. Ainda assim, informações me atravessam e existem momentos de produção desenfreada depois de muito tédio. A criação se efetua a partir de um bloqueio até que toma corpo: uma poética se expande a partir do bloqueio e da subtração.

É a partir de uma redução, um corte, um direcionamento que penso a questão da cor e do corpo na minha poética. Trabalho com as cores em blocos, isolado e aprofundo uma a uma para entender a sua potencialidade. Depois de um bom tempo imersa na cor rosa, descobri a sua cor oposta: o verde. Tenho trabalhado com esse tom de verde chroma-key, no sentido de transportar-se para outro lugar. Além desse sentido, o verde é a cor melhor percebida pelo olho humano, portanto sua percepção se dá num nível estrutural da cor. Hélio Oiticica tratava dessa noção que quebra com o caráter representativo e simbólico na arte. Sentir o verde pra além do que ele pode tratar no nível racional. As cores, muitas vezes, remetem a clichês, posições políticas, efeitos psicológicos, mas a Grande ordem da cor de que tratava Oiticica nasce de uma necessidade existencial, que supera ou se eleva acima do cotidiano.

Realizar uma auto-operação sensorial a partir da luz, da cor e do deslocamento. Criar territórios de abstração, onde água escorre em meus pensamentos. O contexto político pesa o corpo de informações, o paradigma representativo neurotiza comportamentos e anestesia grupos com uma falsa consciência. Qual o espaço do poético na distopia do presente? Como produzir uma obra que não se fecha em si mesma? Tais questões seguirão em aberto, na busca de um trabalho que enuncia não uma grupalidade forçada, mas uma grupalidade de caráter reflexivo: mostrando a própria face do Outro e os modos de produção do seu desejo. Fazer da obra um canal de passagem de desejos coletivos, num movimento que pode ser tanto perigoso quanto provocativo.

Quem sou quando estou em grupo? Existe não estar em grupo?

Em 2013, eu tinha 19 anos e cursava Direito, foi quando fiz, fora da faculdade, alguns amigos poetas, músicos e artistas, e começamos a ir juntos nas manifestações

contra o aumento da passagem e nas diversas festas de rua que aconteciam na época, em Porto Alegre. Foi um momento de efervescência cultural e de muita vivência na rua, em que o contato via telas servia apenas de meio para combinar o contato presencial. No ano seguinte, eu decidi abandonar o curso e me inscrevi no vestibular para Artes Visuais. Quais foram os agenciamentos que me fizeram tomar um rumo tão diferente? Com certeza não foi uma virada do uno, mas do todo que me atravessava na época.

Não existe enunciado individual, nunca há. Todo enunciado é o produto de um agenciamento maquínico, quer dizer, de agentes coletivos de enunciação (por ‘agentes coletivos’ não se deve entender povos ou sociedades, mas multiplicidades). Ora, o nome próprio não designa um indivíduo: ao contrário, quando o indivíduo se abre às multiplicidades que o atravessam de lado a lado, ao fim do mais severo exercício de despersonalização, é que ele adquire seu verdadeiro nome próprio. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 65-66)

Nessa mesma época, um amigo recomendou a leitura do livro *O lobo da estepe*, de Hermann Hesse. Neste livro, escrito em 1927, o protagonista é um homem intelectual em crise existencial, que tenta encontrar algum respiro na sociedade moderna, mas acredita que nele habita um Lobo que o impede de fazer parte das convenções sociais. O autor inicia o livro trazendo a problemática da alma, e afirma que não seria dividida em duas, como pensava o protagonista, mas em milhares de seres, personalidades, e papéis sociais. Então, ao longo do livro, o que acaba por constituir o protagonista são os encontros com outras pessoas e por fim uma cena épica num Teatro Mágico, onde ele encara diversas portas, ou seja, máscaras possíveis para vivenciar o mundo. A questão mais marcante pra mim é justamente essa da multiplicidade do sujeito: somos formados por multidões. Enquanto artista, saber se relacionar com o mundo e dissolver-se nele é fundamental. Vejo a arte como processo que acelera essa desindividuação.

Entender que sou muitas numa só. A partir dessa reflexão, trago alguns pontos presentes no capítulo *Um só ou vários lobos?*, do Mil Platôs 1, escrito por Deleuze e Guattari (2011), pois pensar a grupalidade é pensar os problemas de povoamento no inconsciente. Adentrando uma crítica à psicanálise, os autores começam falando que Freud não entendia nada sobre lobos e nem sobre ânus, visto que tinha o talento de preencher o vazio com associações. O “homem dos lobos” seria logo curado. A partir disso, colocam-se as diferenças entre o neurótico e o psicótico, sendo o primeiro guiado pela representação das coisas e o segundo pela representação das palavras. Adentrando essa arte do inconsciente que seria a arte das multiplicidades molares, Freud insiste nas

unidades molares, sempre retornando a problemática a questões familiares e sexuais, ignorando que os lobos andam em matilha.

Franny ouve uma emissão sobre lobos. Eu lhe digo: gostarias de ser um lobo? Resposta altiva - é idiota, não se pode ser um lobo, mas sempre oito ou dez lobos, seis ou sete lobos. Não seis ou sete lobos ao mesmo tempo, você, sozinho, mas um lobo entre outros, junto com cinco ou seis outros lobos. O que é importante no devir-lobo é a posição de massa e, primeiramente, a posição do próprio sujeito em relação à matilha, em relação à multiplicidade-lobo, a maneira de ele aí entrar ou não, a distância a que ele se mantém, a maneira que ele tem de ligar-se ou não à multiplicidade. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 55)

Um sonho esquizofrênico que introduz tais problemas de povoamento no inconsciente. As vibrações (da cor, do som, de substâncias químicas, de repetições de gestos) que me levam para outras camadas do real trazem a superfície as estruturas da minha percepção: meu olhar sobre o mundo só é meu porquê muitos outros olhos enxergam também. Assistir os limites de cada coisa se dissolverem, ao mesmo tempo em que se sabe a origem de cada gesto que atravessa o corpo. Enquanto falo, por um momento, sinto que minha voz é a mesma de uma artista com a qual recentemente havia feito um curso, o que me leva a pensar o quanto incorporamos gestos alheios sem perceber. Outra questão que vem à tona é a da posição, do movimento e da repetição de gestos, que ativam determinados estados do corpo. Isso fica nítido numa mesa de jantar, por exemplo, onde cada pessoa ocupa um lugar em relação aos outros e ao espaço. O quanto o modo de sentir e se expressar não está associado ao lugar-coordenada que seu corpo ocupa? Outra forma de observar essas ativações é pelo movimento: caminhar rápido com as mãos na cabeça de um lado para outro num espaço fechado pode desencadear neuroses ou psicoses, parte de um inconsciente molecular. A noção de espaço e tempo está diretamente relacionada com a capacidade cognitiva. Uma sala com pé-direito baixo dá a sensação de imersão, enquanto um pé-direito alto se aproxima mais da ideia de imensidão. Outro ponto: a posição do corpo em relação a presença de outros corpos. Imagine duas pessoas numa sala vazia e enorme, cada uma em uma extremidade, aos poucos elas vão se aproximando e o espaço vai se reconfigurando a partir desse encontro, pois a presença dos corpos, não necessariamente humanos, altera a percepção espaço-temporal dos acontecimentos.

Produzir um corpo sem órgãos: um corpo vivo e fervilhante que expulsa o organismo e sua organização (DELEUZE; GUATTARI, 2011). Entender que o buraco

não é ausência, mas partículas que andam rápido demais. Essas são mais algumas questões neste capítulo que introduz o universo de conceitos desses autores e que me pareceu ter relação com as ideias contidas no romance do *Lobo da Estepe*. Ao fim, os autores falam da importância de pensar a partir zoologia, modo de descentralizar os conceitos do domínio do humano, característica da filosofia pós-estruturalista que abre caminho para o pensamento das multiplicidades e do corpo em relação ao seu entorno.

E agora? Como expor processos via telas?

Hoje vivemos um momento completamente outro. A regra é ficar em casa e a exceção é estar à toa na rua. Ainda não consigo prever quais os efeitos do isolamento na arte e no mundo, mas com certeza é uma marca profunda se constituindo. A pandemia, o isolamento social, o COVID-19, ou o início do novo século? Me percebo constantemente tentando encontrar formas de estar em grupo, mesmo que através das telas, o que me levou a um processo experimental com os meios de comunicação online.

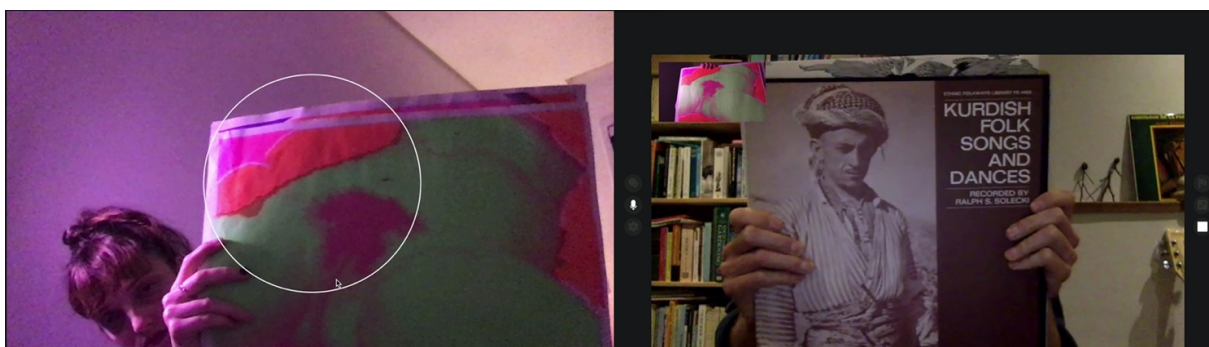
O espaço cibernético é um espaço de ligações, atravessado de fluxos que transportam mensagens, palavras e imagens e sons com a rapidez cujo nome em linguagem computacional é ‘tempo real’. ligações instantâneas, nunca estáveis, evoluindo sem parar, projetadas em uma espécie de vazio, do qual elas seriam, de algum modo, a textura. (CAUQUELIN, 2008, p. 169)

De uma necessidade do outro na minha pesquisa, comecei a frequentar salas de chat online. Mas eu não queria falar com uma pessoa de cada vez: queria estar num grupo e num grupo de desconhecidos. São mais raros os chats grupais com vídeo, mas descobri uma plataforma chamada *Tinychat*. Ali pessoas de diversos lugares do mundo se comunicam através da língua inglesa e passam tempo juntos diante das telas. Eu senti como se estivesse numa festa, uma certa empolgação de ver pessoas nunca vistas e medo da reação alheia. Alguns acontecimentos foram marcantes: entrando todo dia percebi que algumas pessoas não desconectavam nunca da sala, dormiam em frente a tela e se fossem fazer outra coisa, deixavam sempre ligado. Seria isso uma espécie de obsessão em ser visto no seu cotidiano? Durante uma das sessões, as pessoas estavam discutindo questões políticas, e dentre os presentes havia uma diversidade considerável de corpos. De repente, um homem branco entrou na sala virtual e começou a repetir alto e com raiva que mulheres e pretos calassem a boca, que eles não deveriam existir. Logo ele foi removido pelo mediador, mas dentre as vivências pandêmicas, foi bastante chocante ver uma

manifestação viva de ódio num ambiente diverso, algo que presencialmente nunca vi acontecer dessa forma.

Minha ideia era mostrar algumas serigrafias pela câmera para ver a reação dos outros e o que comentariam, mas não consegui seguir nessa plataforma, pois percebi que esse estar em grupo via tela poderia vir a gerar discussões interessantes mas no geral parecia que as pessoas se comportavam de forma mais agressiva do que em plataforma que coloca apenas duas pessoas em contato. Um experimento social em que as pessoas estão protegidas por trás das suas próprias telas e a única forma de agredir é pela palavra. Desistindo da ideia do grupo, passei a usar o *Chatroulette*, plataforma que coloca duas pessoas aleatórias em contato com vídeo e áudio. Eu não mostrava o rosto e nem falava, apenas segurava a serigrafia *Reorigem do mundo*, uma releitura da pintura *L'Origine du monde* (Gustav Coubert, 1866) feita por mim, enquanto gravava a reação do outro. Um fato curioso foi o de que diversos homens faziam um sinal de gostei com a mão e ficavam bastante tempo tentando entender o que acontecia, enquanto as mulheres não ficavam nem um segundo ali. O que será que a imagem despertou que era insuportável ou descartável? A reação que mais me marcou foi um homem mais velho que começou a mostrar imagens de volta, que depois vi que eram vinis (um deles de músicas do folclore curdo).

Figura 3 – L_origine_du_monde



Fonte: Acervo da autora

Fora do espaço cibernético, essa diferença nas relações entre grupo e entre duas pessoas é pensada no trabalho de Marina Abramovic. Na performance *Rhythm 0* (1974), a artista convidou a plateia a fazer o que quisessem com o corpo dela usando um dos 72 objetos dispostos numa mesa. Conforme relatos, a performance começou calma mas chegou um ponto em que alguém resolveu apontar uma arma para Marina, e começou

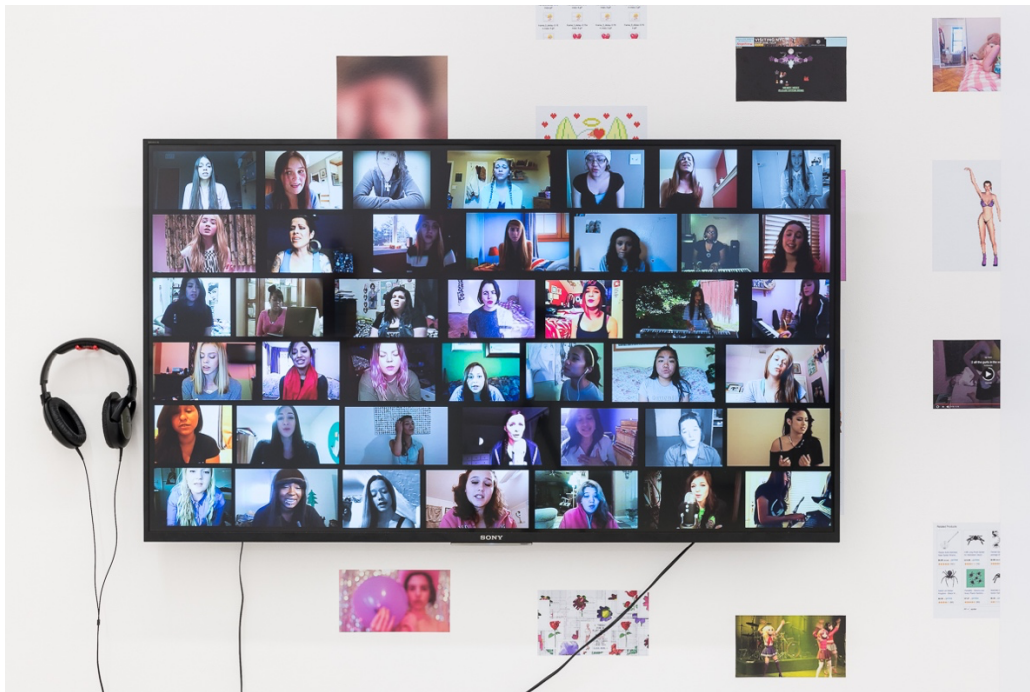
uma briga entre o público. Já a performance *The artist is present* (2010) reconfigura a interação para que apenas uma pessoa de cada vez possa sentar e olhar nos olhos da artista. Abramovic relata que houve uma abertura muito grande do público e ressalta a força da comunicação através desse gesto simples de olhar um pro outro. Esse modo de estar com o outro se assemelha a lógica do espelho, do reflexo: quando olhamos o outro, vemos nós mesmos. Enquanto num grupo maior, os sujeitos estão mais propensos a desindividuação, uma forma de perda da auto-consciência.

De tais reapropriações coletivas da pulsão depende a possibilidade de constituição de campos favorecedores da emergência de um “acontecimento” - isto é, a emergência de uma transfiguração efetiva na trama social. Esta resulta da germinação dos embriões de mundos que ressoaram entre os corpos e os levaram a unir-se, produzindo um ninho para o nascimento de outros modos de existência e suas respectivas cartografias. (ROLNIK, 2018, p. 142)

Voltando ao estado cibernético, tal perda de auto-consciência pode ser tanto produtiva quanto causadora de reações paralisantes. Me dedico a encontrar a primeira opção em trabalhos de arte que fazem do espaço cibernético seu suporte, podendo ser apresentado no espaço de onde veio ou ganhando corpo presencial como é o caso do trabalho *Me singing Stay by Rihanna* (2018) de Molly Soda. A artista, nascida em 1989 em Porto Rico, atualmente produzindo no Brooklyn (NY) faz parte de uma geração que tem como território de sua produção o meio digital.

Diversas mulheres cantam uma música pop ao mesmo tempo diante de suas webcams, enquanto o título da obra está em primeira pessoa. Seria o eu constituído desses milhares de outros que se afetam por uma mesma composição? Cria-se uma forma de autorretrato que de fato condiz com aquilo que a artista sente, que seu corpo é mais coletivo do que individual. A voz do outro me permite cantar sem ficar constrangida com minha própria voz, pois não há como saber de onde vem cada uma. Além disso, o modo que a artista cria um ambiente instalativo com um trabalho que nasce no espaço cibernético potencializa a imersão em sua poética. Tratar do incorporal e da expressão da interatividade no espaço expositivo reconfigura a forma de se relacionar com a arte. Uma obra que potencializa a performatividade online, formando um todo repleto de singularidades. Um vídeo que reúne 42 solos online de mulheres sozinhas em seus quartos numa mesma tela e som, interrogando a noção de isolamento e do próprio espaço da internet enquanto galeria de arte.

Figura 4 – Me singing Stay by Rihanna (2018)



Fonte: Página da internet⁶

Rancièrè, em *A partilha do sensível*, fala justamente do regime estético das artes enquanto modo de transformação da repartição dos espaços, pensando a interface entre “suportes” diferentes e colocando o artista como inventor da vida nova. Qual a politicidade sensível que posso encontrar nessas formas de partilha estética? A superfície do cibernético, no atual momento pandêmico, é o que tenho em mãos para explorar meus modos de apresentação poética, por isso tantas ficções e enunciações de quase-corpos ainda tentando encontrar sua totalidade.

TikTok e Corpo-espelho - desindividuação diante da tela

Uma nova rede social chinesa vem expandindo seu público através de propostas de danças e dublagem de áudios pelo mundo todo. Inicialmente, o TikTok capturou o público infanto-juvenil, porém agora já é possível encontrar uma diversidade de idades e temáticas, sendo a quarta maior rede social do mundo em números de usuários (1,5 bilhão de internautas mensais). O modo de se expressar é diferente do Instagram, pois a linguagem principal é o vídeo e não a imagem. São vídeos curtos de até 30 segundos, a maioria coreografias acompanhadas por músicas pop com batidas graves bem marcadas.

⁶ Disponível em: <<http://www.annkakultys.com/exhibitions/me-and-my-gurls/>>

Além disso, existem outros modos que não só a dança: como os vídeos POV (Ponto de vista) que são ficções que tratam o espectador como parte da história, e as dublagens de áudios virais normalmente com teor de comédia.

O que importa aqui não é unicamente o confronto com uma nova matéria de expressão, é a constituição de complexos de subjetivação: indivíduo-grupo-máquina-trocas múltiplas, que oferecem à pessoa possibilidades diversificadas de recompor uma corporeidade existencial, de sair de seus impasses repetitivos e, de alguma forma, de se ressingularizar. (GUATTARI, 2012, p. 17)

Qualquer rede social serve para pensar a questão da coletividade e da interatividade com o outro, mas o TikTok tem uma particularidade que me intrigou bastante: a questão do engendramento do corpo pela dança diante da tela. Os gestos corporais tomam o lugar das palavras e das imagens e cria-se uma outra linguagem que só aqueles que habitam a rede conseguem entender. O que acontece com a subjetividade do TikToker? E por que tantas pessoas julgam esse uso do corpo diante da tela como banal e irrisório? São questões que busco elaborar numa proposta que chamo de *Corpo-espelho*, ideia que tomou diversas formas a partir do acontecimento que descrevo a seguir.

A performance que hoje chamo de corpo-espelho começa com o acoplamento de alguns objetos: uma braçadeira para celular que adaptei no meu rosto, um choker de spikes, um smartphone passando um vídeo do Youtube, e uma webcam com efeito de fundo alterado para registro. Essa ideia levou 4 anos para germinar e foi tomando diversas formas: dentro de um espetáculo de dança, como ensaio visual, como vídeo-performance. O corpo-espelho parece ser um espaço-tempo de desindividuação do sujeito, em que me torno aquilo que vejo nas telas ainda que no momento da performance eu não esteja vendo o que passa, mas fazendo do meu próprio corpo dispositivo de acoplamento. Instaurando um novo modo de perceber e de ser percebida.

A última variação da performance *Corpo-espelho* consiste num vídeo em que danço diversas coreografias que aprendi no TikTok, porém deslocadas de seus sons originais: uma trilha eletrônica e de sons cotidianos transforma o clima gestual. Sem rosto, faço acontecer esse jogo de movimentos, ações híbridas e vibráteis: o corpo espelho reflete a carência ou a potência do afeto no relacionar contemporâneo. Corpo sem rosto porém repleto de intercorporeidade. Como se ainda existisse instinto na sociedade midiática, o corpo espelho nada mais é que o ciborgue aberto ao outro. Rolagem infinita de imagens, coreografias e repetições. Qual é o prazer da tela como extensão de si?

Figura 5 – Corpo-espelho



Fonte: Acervo da autora

Fazer e ver a si mesmo dançando é um gesto que pode significar tanto entrar num padrão estético quanto potencializar a própria noção do que o corpo é capaz. Por trás das redes, pode haver essa falsa sensação de pertencimento e, na verdade, estamos sozinhos com nossos egos, mas também existe a questão da rede de apoio digital. Enquanto no Instagram, vemos cada vez mais blogueiras que vendem estilos de vida *fitness* e recebem produtos de marcas para divulgá-los; no TikTok, as pessoas parecem se preocupar em não seguir grandes nomes, e dar visibilidade para pessoas de todos os tipos, com deficiências físicas, de classe social baixa, minorias LGBTQ, pretos e pretas. Talvez eu esteja sendo muito otimista, pois o empoderamento de minorias é facilmente capturável pelos processos capitalísticos de produção de desejo, mas ainda assim: algo diferente passa por ali e deve ser observado.

A tecnologia não é neutra. Estamos dentro daquilo que fazemos e aquilo que fazemos está dentro de nós. Vivemos em um mundo de conexões – e é importante saber quem é que é feito e desfeito. (HARAWAY, 2009, p. 32)

Portanto, pensar o corpo-espelho e os conteúdos que nos atravessam é uma forma de encontrar respostas para estados da subjetividade coletiva. Penso na imagem *La danse II*, de Henri Matisse, onde 5 seres avermelhados dançam numa ciranda sobre as cores verde, azul. O primeiro elemento de construção do quadro foi o ritmo. Vejo tal imagem

como uma representação do inconsciente e do transporte para outras camadas do real através da repetição. O que isso tem a ver com a subjetividade TikTok? A repetição de sons e gestos constitui um ritornelo dentro dessa plataforma que envolve os sentidos visuais e táteis. Assim como Deleuze e Guattari (2012) iniciam o capítulo sobre ritornelos com o exemplo de uma criança que cantarola uma canção no escuro para se proteger do caos exterior, imagino uma criança repetindo mentalmente os movimentos que aprendeu, criando um território de proteção ou portal para outros lugares. “Cada meio é vibratório, isto é, um bloco de espaço-tempo constituído pela repetição periódica do componente” (DELEUZE;GUATTARI, 2012). E aí entende-se como o comum alcança e cria territórios se apropriando de expressões alheias, quanto mais pessoas aderirem a este gesto/traço/cor/modo mais o território aumenta.

Considerações finais

Ainda que as produções estéticas estejam se adaptando aos novos modos de expressão via internet, elas ainda parecem se encontrar num regime da presença, em que a construção de pensamento passa pelos sentidos, ou seja, pelo corpo, mesmo que via telas. Um corpo pode significar qualquer coisa e se faz justamente no resgate das próprias marcas e experiências. Querer ver tanto quanto querer ser vista esmaece a separação do eu com o outro e torna desejável flutuar entre uma multiplicidade de eus possíveis. Fazendo valer a não existência de um eu por trás do que me acontece: “sempre sou, por assim dizer, outro para mim mesma, e não há um momento final em que aconteça meu retorno a mim mesma” (BUTLER, 2017, p. 41). E ainda:

O encontro com o outro realiza uma transformação do si-mesmo da qual não há retorno. No decorrer dessa troca reconhece-se que o si-mesmo é o tipo de ser para o qual a permanência dentro de si prova-se impossível. (BUTLER, 2017, p. 42)

No cenário atual de isolamento e onipresença digital alguns se perguntam se o corpo ainda existe. A resposta é que sim, enquanto máquina operante, que cria e procura meios de expressão para entrar em contato com o outro, ainda que pela sua própria desmaterialização via telas. Instantânea e instável, a telepresença não deixa de assumir seu papel enquanto catalizadora de sensações. O perigo mora na captura desses processos pelo aprisionamento do corpo vibrátil, visto que os meios de comunicação estão minados pelo inconsciente colonial capitalista. No entanto, sempre haverão buracos, desvios, ou aceleradores de partículas há serem descobertos nas partilhas estéticas capazes de

protocolar a experimentação. Por isso, me lanço nesse processo de deserção da posição de sujeito, buscando germinar num fazer estético que me incorpora e é por mim incorporado.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CAUQUELIN, Anne. **Frequentar os incorporais**: contribuição a uma teoria da arte contemporânea. São Paulo: Martins, 2008.

DELEUZE; GUATTARI. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE; GUATTARI. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2012.

GUATTARI, Felix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 2012.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue**: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

NACHTERGAEL, Magali. **Vue sur chambre**: Amalia Ulman et Molly Soda, étant données numériques. In: SIMONE: Le journal de PhotoSaintGermain, 2018.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROLNIK, Suely. **Esferas de insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

Links para vídeos citados

Ana Alice. **L_origine_du_monde**, 2020. Disponível em <<https://youtu.be/5DxihrqN6ro>>

Ana Alice. **Corpo-espelho**, 2020. Disponível em <<https://drive.google.com/file/d/1RSXCDTZRau4op358GIDeStdJxHtE0Bck/view?usp=sharing>>

Marina Abramovic. **An Art Made of Trust, Vulnerability and Connection**, 2015. Disponível em <https://youtu.be/M4so_Z9a_u0>

Molly Soda. **Me singing stay by Rihanna**, 2019. Disponível em <<https://youtu.be/ZCKoFkAipbk>>